

Da minha biblioteca

Contos recontados



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Penso que muitos professores sentirão como eu: é sempre com muita alegria e orgulho que vemos antigos alunos a terem sucesso nas suas profissões e outras atividades em que se empenhem. Foi assim que me senti, quando soube que a minha antiga aluna de Latim, Cidália Ferreira Bicho, tinha ganho o Prémio Revelação - Literatura para a Infância e Juventude, da Associação Portuguesa de Escritores, e é sobre esse livro, que foi ilustrado por Patrícia Furtado, que hoje escrevo: *As Três Fortunas do Lobo Lobão e outros contos tradicionais*.

Cidália Bicho conhece academicamente muito bem os contos tradicionais, pois foi esse o tema do seu mestrado em Literatura Oral e Tradicional, porém, o seu interesse, com este livro, é poder passar a outros (em primeiro lugar, ao seu filho Gonçalo) as histórias que lhe contaram em criança, que fizeram parte da sua formação. E como «quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto», este livro é a sua forma de contribuir para a tradição. Numa época em que muitos pais e avós, tantos destes jovens e ainda ativos profissionalmente, não têm capacidade para continuar essa cadeia – que se esperaria inquebrável – de transmissão oral desse material, o aparecimento desta obra faz todo o sentido.

O livro tem quatro contos, todos eles passados no tempo em que os animais falavam, protagonizados por um lobo matreiro e uma raposa vaidosa que vivem várias aventuras.

Como contar estas histórias, que eram tradicionalmente ouvidas? Que tipo de linguagem escolher? Terá de haver uma moral evidente?

Consciente ou não destes desafios, o livro de Cidália Bicho tem em conta estas preocupações.

Língua e literatura

O modo como usamos a língua proporciona diferentes resultados literários: por exemplo, às vezes, a colocação do adjetivo antes do nome gera um efeito grandioso, eleva a linguagem, torna-a mais literária, até porque se afasta um pouco da oralidade e do seu uso quotidiano. E precisamos de um bocadinho mais de tempo para apreciar o que lemos ou ouvimos: «o seu esfomeado estômago» (p.12), «o verdejante prado» (p.14), «rijo e áspero calhau» (p.14).

O mesmo se passa com a escolha do vocabulário, que recupera formas já menos usadas, mas que aumentam (ou recordam) o conhecimento de quem ouve ou lê, como bácoro por leitão, baração por cordel ou zorra por raposa. Também faz uso de verbos como almejar, derrear, estropiar, nomes como pujança, adjetivos como ínfimo, sagaz ou fugaz, que enriquecem este universo encantado.

Mas não se pense, por estes

exemplos aqui apresentados, que o livro está pejado de palavras difíceis que dificultam a sua leitura. Nada disso. Destaquei apontamentos que se conjugam elegantemente com um discurso fluido, onde também se encontram formas que fazem ecoar os tempos da nossa infância.

«Enquanto o diabo esfrega um olho!»

Com o tempo, algumas expressões idiomáticas passaram a... enigmáticas, pela dificuldade que muitos falantes têm em decifrá-las, em entender o seu contexto cultural. Também aqui temos algumas, que desenvolverão os recursos linguísticos das crianças. Expressões como «[pedir] com falinhas mansas» (p.14), «enquanto o diabo esfrega um olho» (p.16), «[não haver] nem rei nem roque» (p.18) ou «[aproximar-se] com pezinhos de lã» (p.27) podem dar origem a conversas entre pais e filhos e a descobertas conjuntas.

E o que dizer das onomatopéias? Além de animarem a leitura, incentivam a imaginação: se o galo faz «cocorocó»



FOTOS: D.R.

Cidália Ferreira Bicho recebeu o Prémio Revelação

e «cacaracá» (p. 28), se uma ação violenta de surpresa faz «Zás catrapaz» (p.14), como fará o mocho quando se afasta feliz? Ou os carneiros depois de enganarem o lobo? E com isto se pode passar uma tarde divertida.

«Vitória, vitória, acabou-se a história!»

Nas histórias que ouvíamos

das nossas mães, avós e tias, havia sempre algumas frases que nos ficavam no ouvido, normalmente porque tinham rima. Cidália Ferreira Bicho usa este recurso com grande intensidade, tornando melódica a leitura das suas histórias.

Por vezes, a rima é evidente, estando os versos destacados no texto, como acontece com o primeiro conto, em que, de-

pois de perder a oportunidade de comer, o lobo lamenta-se «Pobre lobo Lobão, feroz como um trovão,/Enganado e maltratado em vão!/ Nem toucinho, nem poldra, nem porquinho, nem carneiro!/ Hoje, de comida só senti o cheiro!»

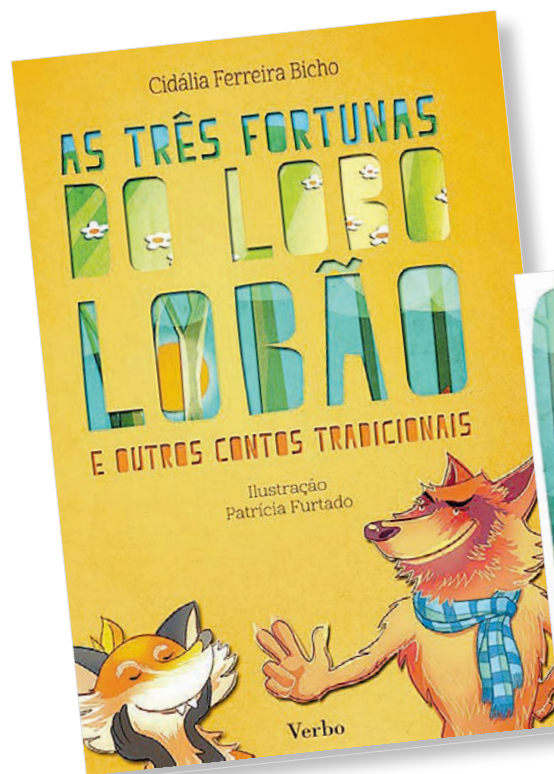
Outras vezes, aparece interamente, nas falas das personagens: «não tenho vagar, tenho muito que anunciar» (p.30). E é a rima que terminam os capítulos, rematando a aventura vivida: a raposa Raposina lamenta-se: «Ai rabo rabão, por causa de ti ia perdendo um corpo tão são» e o Mocho Sabe-Tudo, quando se livra da morte, responde à zorra que se gabava antes de tempo, anunciando «Mocho comi!»: «Outro sim, mas não me comerás a mim».

No tempo em que os animais falavam...

Já nos esquecemos deste princípio, que apresentava animais muito parecidos com os humanos nos seus sentimentos e modos de agir. Nestes contos, em que todos os animais falam e, portanto, se aproximam muito de nós, podemos tirar lições de vida, mais ou menos moralizadas (se bem que não seja essa a intenção dos contos tradicionais), que ajudam a lidar com sentimentos, como a frustração de não se conseguir o que se quer, ou a perceber que a inteligência dos outros, que muitas vezes subestimamos, pode suplantar a nossa.

No final, apetece-nos mais. Espere-mos que a Cidália Bicho não demore muito a trazer-nos outros contos tradicionais.

Termino, adaptando a última frase do livro: «Bendito e louvado está este artigo acabado!»



“FLORES POLACAS EM PORTUGAL”

Até 14 FEV | Centro de Experimentação e Criação Artística de Loulé

Exposição de artistas polacos que criam em Portugal e que pelas cores, visões, formas, memórias e sonhos, constituem um ramo de ‘Flores Polacas em Portugal’



“PR’Ó DIABO KUS CARREGUE!”

17 JAN | 21.30 | Auditório Municipal de Olhão

Revista à portuguesa, encenada por Natalina José e com um elenco onde, para além da própria, surgem nomes como Anita Guerreiro, Vítor Emanuel, Ana Paula Mota e Filipa Giovanni, que promete um festival de gargalhadas